

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XV – Fora da caridade não há salvação

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XV)

Índice

Capítulo XV – Fora da caridade não há salvação	03
O de que precisa o Espírito para ser salvo. Parábola do bom samaritano	03
Salvação segundo a Doutrina Espírita	05
Francisco de Assis, o amor em ação	06
O Mandamento Maior	10
Reveladores e revelações da Lei Natural	11
Só as obras definem o verdadeiro cristão	14
Necessidade de Caridade, segundo Paulo	17
A caridade segundo o apóstolo Paulo	18
A caridade	21
Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação.	24
Caridade – expressão de amor ao próximo	25
Espiritismo, religiões e fundamentalismo	26
Instruções dos Espíritos. Fora da caridade não há salvação	28
Obras póstumas, um livro esquecido	29
A caridade segundo o amor	32

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec
Capítulo XV – Fora da Caridade não há Salvação

1. O de que precisa o Espírito para ser salvo. Parábola do Bom Samaritano.

1. Ora, quando o Filho do Homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, sentar-se-á no trono de sua glória; reunidas diante dele todas as nações, separará uns dos outros, como o pastor separa dos bodes as ovelhas e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: “Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos foi preparado desde o princípio do mundo; porquanto, tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; careci de teto e me hospedastes; estive nu e me vestistes; achei-me doente e me visitastes; estive preso e me fostes ver”.

Então, responder-lhe-ão os justos: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos ou despido e te vestimos? E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos visitar-te?” - O Rei lhe responderá: “Em verdade vos digo, todas as vezes que isso fizestes a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizestes.”

Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: “Afastai-vos de mim, malditos; ide para o fogo terno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; porque, tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber; precisei de teto e não me agasalhastes; estive sem roupa e não me vestistes; estive doente e no cárcere e não me visitastes.”

Também eles replicarão: “Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e não te demos de beber, sem teto ou sem roupa, doente ou preso e não te assistimos?” - Ele então lhes responderá: “Em verdade vos digo, todas as vezes que faltastes com a assistência a um destes mais pequenos, deixastes de tê-la para comigo mesmo.

E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna.”
(Mateus 25:31 a 46.)

2. Então, levantando-se, disse-lhe um doutor da lei, para o tentar: “Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna?” — Respondeu-lhe Jesus: “Que é o que está escrito na lei? Que é o que lês nela?” — Ele respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo.” — Disse-lhe Jesus: “Respondeste muito bem; faze isso e viverás.”

Mas o homem, querendo parecer que era um justo, diz a Jesus: “Quem é o meu próximo?” — Jesus, tomando a palavra, lhe diz:

“Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o despojaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o semimorto. Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, o viu e passou adiante. Um levita, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. Mas um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde jazia aquele homem e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e as pensou; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: ‘Trata muito bem deste homem e tudo o que despenderes a mais, eu te pagarei quando regressar.’”

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

“Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos ladrões?” — o doutor respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele.”

“Então, vai”, diz Jesus, “ e faze o mesmo.” (Lucas, 10:25 a 37.)

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, Ele aponta essas duas virtudes como as que conduzem à eterna felicidade: “Bem-aventurados”, disse, “os pobres de espírito”, isto é, “os humildes, porque deles é o Reino dos Céus; bem-aventurados os que têm puro o coração; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amai o vosso próximo como a vós mesmos; fazei aos outros o que quereríeis vos fizessem; amai os vossos inimigos; perdoai as ofensas, se quiserdes ser perdoados; praticai o bem sem ostentação; julgai-vos a vós mesmos, antes de julgardes os outros.” Humildade e caridade, eis o que não cessa de recomendar e o de que dá, Ele próprio, o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E não se limita a recomendar a caridade; põe-na claramente e em termos explícitos como condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que traçou do juízo final, deve-se, como em muitas outras coisas, separar o que é apenas figura, alegoria. Há homens como os a quem falava, ainda incapazes de compreender as questões puramente espirituais, tinha Ele de apresentar imagens materiais chocantes e próprias a impressionar. Para melhor apreenderem o que dizia, tinha mesmo de não se afastar muito das ideias correntes, quanto à forma, reservando sempre ao porvir a verdadeira interpretação de suas palavras e dos pontos sobre os quais não podia explicar-se claramente. Ao lado da parte acessória ou figurada do quadro, há uma ideia dominante: a da felicidade reservada ao justo e da infelicidade que espera o mau.

Naquele julgamento supremo, quais os considerandos da sentença? Sobre que se baseia o libelo? Pergunta, porventura, o juiz se o inquirido preencheu tal ou qual formalidade, se observou mais ou menos tal ou qual prática exterior? Não; inquire tão somente de uma coisa: se a caridade foi praticada, e se pronuncia assim: Passai à direita, vós que assististes os vossos irmãos; passai à esquerda, vós que fostes duros para com eles. Informa-se, por acaso, da ortodoxia da fé? Faz qualquer distinção entre o que crê de um modo e o que crê de outro? Não, pois Jesus coloca o samaritano, considerado herético, mas que pratica o amor do próximo, acima do ortodoxo que falta com a caridade. Não considera, portanto, a caridade apenas como uma das condições para a salvação, mas como a condição única. Se outras houvesse a serem preenchidas, Ele as teria declinado. Desde que coloca a caridade em primeiro lugar, é que ela implicitamente abrange todas as outras: a humildade, a brandura, a benevolência, a indulgência, a justiça etc., e porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

Crônicas e Artigos

Nº 133 – 15/11/2009

O Consolador – (Cláudia Schmidt)

I. O de que precisa o Espírito para ser salvo.

Parábola do Bom Samaritano

Salvação segundo a Doutrina Espírita

Estudando a Doutrina Espírita, compreendemos que **Jesus não morreu por ninguém ou para salvar alguém do Inferno**. Sua morte não significa a nossa salvação, e nem o perdão “**adiantado**” dos erros que cometemos.

Jesus, o Espírito mais evoluído que já esteve na Terra, **encarnou e viveu neste Mundo por amor a nós**, para exemplificar o amor, o perdão, a caridade, a fé, sendo “**o modelo e guia, o tipo de perfeição moral a que se pode aspirar na Terra**”, definição essa contida na questão 625 de **O Livro dos Espíritos**.

“**Pelas obras é que se reconhece o cristão.**” pois se apenas a fé salvasse o indivíduo, de que valeria a caridade, a reforma íntima, o trabalho no bem?

Qualquer um que se arrependesse de seus erros antes de morrer seria salvo e iria para o Céu, mesmo se tivesse sido um ladrão ou assassino?

E onde estaria, nesse caso, a justiça de Deus, que oferece tempo para alguns se arrependerem, enquanto que a outros arrebatava do corpo físico sem a oportunidade de repensarem suas atitudes? Quando tomamos consciência do cometimento de uma falta, o arrependimento é importante, porém, ele não necessita de um rótulo religioso, mas sim ser complementado pela expiação e pela reparação do erro cometido.

Expiação são os sofrimentos físicos e morais consequentes do erro; e a reparação consiste em fazer o bem àqueles a quem se havia feito o mal, apagando assim os traços da falta e suas consequências.

A Doutrina Espírita elucida que a salvação de cada um – entendida como evolução espiritual, que é destino de todos os Espíritos criados por Deus – depende exclusivamente de si mesmo, e ocorre a partir da transformação moral, pois “**fora da caridade não há salvação.**” Assim, somente através da reforma íntima é possível salvar-se do comodismo, da indiferença, da omissão, da descrença, transformando a fé e a confiança em Deus em obras de amor e paz.

Sendo o Céu um estado íntimo, construído pela consciência tranquila, e não um lugar de ociosidade e contemplação, o Céu de cada um só pode ser construído por ele mesmo, através de pensamentos, palavras e atitudes que revelem seu estado íntimo de constante aprimoramento espiritual, esforçando-se por tornar-se cada vez mais solidário, mais caridoso, mais parecido com Jesus.

Especial

Nº 128 – 11/10/2009

O Consolador – (Américo Domingos Nunes Filho)

I. O de que precisa o Espírito para ser salvo.

Parábola do Bom Samaritano

Francisco de Assis, o amor em ação

“Algumas fontes mediúnicas fazem menção de ter sido Francisco, em pretérita reencarnação, o apóstolo João Evangelista, que realmente, já naquela época, possuía o poder de amar.”

Nasceu em Assis, Itália, em 26 de setembro de 1181, e desencarnou em 1226. Foi canonizado em 1228, dois anos após a sua morte, quando passou a ser considerado santo. Foi proclamado, em 1979, Santo Patrono dos Ecologistas, devido o fato de ter sido um grande admirador da natureza e pelo intenso e devotado amor aos animais. Poeta, cantava o Sol, a Lua e as estrelas. Era alegre, terno, simples, amoroso, criatura de paz e de bem, auferindo estima, consideração e simpatia. Amava intensamente a Jesus e sua mãe Maria. Em 4 de outubro é comemorado o seu dia.

Ainda jovem, penetrando em um templo católico, em ruínas, olhando para a imagem de Jesus, no altar, ouviu o mesmo dizer-lhe: -“**Francisco, restaura minha casa decadente.**” Tomando no sentido literal as palavras, iniciou um trabalho de reforma da pequena igreja, não assimilando, no momento, a transcendental mensagem profética do Cristo, a qual se referia ao estado lamentável em que se encontrava o cristianismo “**minha casa**”, completamente, distanciado do evangelho redentor, base primícia do vero cristianismo de Jesus. Em verdade, a decadência religiosa é observada sempre que o amor por excelência é desprezado em troca dos valores materiais

Francisco, denominado de “**Il Poverello**” (“O Pobrezinho”), foi homem simples e humilde, assim como o Cristo, a quem amava ardentemente. Foi um verdadeiro cristão, preocupado com o seu semelhante, totalmente, dissociado do poder da vaidade e do orgulho. Recusava posses e, mesmo obrando no catolicismo, exonerou as ordens eclesiásticas e promoções sacras, nunca se tornando sacerdote.

A restauração que o Mestre deseja é realizada em nosso interior, vivenciando a prática religiosa, sob a égide dos ensinamentos evangélicos, sabendo que a paz espiritual “**salvação**” é conquistada, através do exercício diuturno do amor e da fraternidade, sem a preocupação de auferir vantagens pessoais. No cristianismo do Cristo, personificado por Francisco, não pode haver interesses de ordem financeira, “**dando de graça o que de graça recebeste.**” No cristianismo dos homens predomina o poder temporal, a exuberância dos templos religiosos e dos rituais, o mercantilismo, recriminado por Jesus, clamando que não fizessem da Casa do Pai um covil de ladrões.

(Mateus 21: 12-13), o dogmatismo, malbaratando a verdade que liberta e restringindo a essência espiritual a conceitos humanos superados.

Francisco, dentre as três virtudes: **a fé, a esperança e a caridade**, ressaltou a **caridade** como a mais excelente.

“**Il Poverello**” praticou em todos os momentos o Evangelho do Mestre, dando de comer aos famintos, saciando os que tinham sede, hospedando os forasteiros, vestindo os nus, visitando os doentes e os presos.

(Mateus 25: 36).

Vivenciou o amor em plenitude, obedecendo ao maior mandamento: “**Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo**”, sabendo que toda a lei e os profetas estão contidos nesse mandamento.

(Mateus 22: 36-40).

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

Francisco, ressaltou a caridade como a mais excelente, ratificando o ensino de Paulo (1ª Carta aos Coríntios, 13: 13). Ninguém como ele, realmente testificou que **“fora da caridade não há salvação”** (“OESE”, nº15: 8).

Na Parábola do Bom Samaritano, o Mestre, colocou de lado, na salvação, até o sacerdócio, citando um homem sem religiosidade, como afortunado, porque, humilde e caridoso, auxiliou o homem largado no caminho. Mesmo sem ser religioso, foi outorgado por Jesus como salvo, merecendo a denominação de verdadeiro cristão, porque pela ação da vontade fez o bem.

O **“Santo de Assis”**, de acordo com o Sermão do Monte (Mateus 5: 1-12), como pobre em espírito, tornou-se possuidor do Reino dos Céus; consolou os aflitos de todos os matizes; manso por excelência, com capacidade ampla de herdar a Terra; satisfeito por ter fome e sede de justiça; feliz por ser misericordioso, puro de coração e promovedor da paz. Todos os insultos recebidos, as calúnias arremessadas e as perseguições sofridas, por causa do trabalho com o Mestre, faziam dele um autêntico cristão, merecendo a devida recompensa na dimensão espiritual.

Algumas fontes mediúnicas fazem menção de ter sido Francisco, em pretérita reencarnação, o apóstolo João Evangelista. Realmente, naquela época, já possuía o poder de amar em exuberância, daí ter sido denominado **“discípulo amado”**, já que o Cristo amava a todos sem distinção. O que fazia a diferença era o fato de João ter sido o mais evoluído dos discípulos.

O evangelista esteve presente em todos os acontecimentos importantes relacionados ao Mestre, inclusive no momento crucial da crucificação. Na última ceia, ficou assentado ao lado do Cristo, em posição privilegiada (em seus últimos momentos na carne, Francisco pediu para lerem os textos evangélicos correspondentes à Última Ceia).

Francisco de Assis, como João Evangelista, foi um dos excelsos benfeitores espirituais da codificação.

Foi responsável pela vida de Maria, após a desencarnação de Jesus (esse pormenor talvez elucide a adoração extrema de Francisco de Assis à mãe do Mestre, com quem viveu momentos muito difíceis, vivendo a personalidade do evangelista junto à crucificação).

Quando era necessário o concurso mediúnico, o Cristo o convocava junto com Pedro e Tiago (o santo de Assis era portador de diversos dons mediúnicos). Participou ativamente do colégio apostólico, sendo o último a morrer. Cinco dos livros do Novo Testamento foram de sua lavra: o Quarto Evangelho, três epístolas e o Apocalipse.

Segundo o próprio João, Jesus afirmara que o evangelista estaria vivo, isto é, atuante, na época da volta ostensiva do Cristo à humanidade, o que não aconteceria com os outros discípulos (João 21:21-23). Realmente, o Consolador Prometido (Codificação Espírita), surgindo na França, recebeu a bênção de ter como um dos seus maiores instrutores, exatamente, João Evangelista.

O nome de batismo de Francisco era Giovanni di Pietro Bernardone (João Bernardone). Portanto, recebeu de sua mãe, agindo por intuição, o nome de João, o qual, posteriormente, foi substituído pelo pai por Francisco, em homenagem à França. Em Assis, o menino ficou conhecido como Francisco, ou seja, o **“pequeno francês.”**

Francisco de Assis, tendo sido João Evangelista, foi um dos excelsos benfeitores espirituais da codificação, sistematizada por Allan Kardec, e deixou-nos algumas mensagens bem profundas, como a publicada na Revista Espírita de dezembro de 1864 (Sessão Comemorativa na Sociedade de Paris): **“O amor é a lei do Espiritismo; ele dilata o coração e faz amar ativamente**

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

aqueles que desaparecem na vaga penumbra do túmulo. O Espiritismo não é um som vão, caído dos lábios mortais e que um sopro leva; é a lei forte e severa que proclamou Moisés no Monte Sinai, a lei que afirmaram os mártires ébrios de esperança, a lei que discutiram os filósofos inquietos, e que, enfim, os Espíritos vêm proclamar. Espíritas! O grande nome de Jesus deve flutuar, como uma bandeira, acima de vossos ensinamentos. Antes que fôsseis, o Salvador trazia a revelação em seu seio, e a sua palavra, prudentemente medida, indicou cada uma das etapas que percorrereis hoje. Os mistérios desabaram ao sopro profético que abala as vossas inteligências, como outrora as muralhas de Jericó.”

A Oração da Paz, conhecida internacionalmente e atribuída a Francisco de Assis, é de origem desconhecida.

Na Revista Espírita de 1863, o apóstolo João enfatiza que **“chegou a hora em que o Espiritismo deve rejuvenescer e vivificar a própria essência do Cristianismo.”** Assim ele procedeu, quando vivenciou a personalidade firme e resoluta de Francisco de Assis.

A Oração da Paz, conhecida internacionalmente, foi atribuída a Francisco de Assis. Contudo, sua origem é desconhecida, tendo sido escrita, primeiramente, em 1912, em um boletim espiritual publicado em Paris.

Depois, em 1916, em Roma, surgiu uma folha, trazendo estampadas a oração e uma imagem do santo. Embora a obra capte o espírito do santo e o seu texto pareça ser dele, não foi encontrada nos seus pertences e não é de sua autoria. Sendo, portanto, anônima, acreditamos que sua fonte é espiritual, tendo sido composta, por via mediúnica, por ele próprio ou por um de seus seguidores.

Francisco de Assis, através da mediunidade de Chico Xavier, deixou a seguinte mensagem, em 17 de agosto de 1951, em Pedro Leopoldo, MG.: **“O calvário do Mestre não se constituía tão-somente de segura e aspereza – Do monte pedregoso e triste jorravam fontes de água-viva que dessedentaram a alma dos séculos. E as flores que desabrocharam no entendimento do ladrão e na angústia das mulheres de Jerusalém atravessaram o tempo, transformando-se em frutos abençoados de alegria no celeiro das nações.**

Colhe as rosas do caminho no espinheiro dos testemunhos. Entesoura as moedas invisíveis do amor no templo do coração! Retempera o ânimo varonil, em contato com o rocío divino da gratidão e da bondade! Entretanto, não te detenhas. Caminha! É necessário ascender.

Indispensável o roteiro da elevação, com o sacrifício pessoal por norma de todos os instantes. Lembra-te, Ele era sozinho! Sozinho anunciou e sozinho sofreu. Mas erguido, em plena solidão, no madeiro doloroso por devotamento à humanidade, converteu-se em Eterna Ressurreição.

Não tomes outra diretriz senão a de sempre. Descer, auxiliando, para subir com a exaltação do Senhor. Dar tudo para receber com abundância. Nada pedir para nosso EU exclusivista, a fim de que possamos encontrar o glorioso NÓS da vida imortal. Ser a concórdia para a separação. Ser luz para as sombras, fraternidade para a destruição, ternura para o ódio, humildade para o orgulho, bênção para a maldição.

Ama sempre. É pela graça do amor que o Mestre persiste conosco, mendigos dos milênios, derramando a claridade sublime do perdão celeste onde criamos o inferno do mal e do sofrimento.”

O Evangelho é o nosso Código Eterno e Jesus é o nosso Mestre imperecível.

“Quando o silêncio se fizer mais pesado ao redor de teus passos, aguça os ouvidos e escuta.

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

A voz Dele ressoará de novo na acústica de tua alma e as grandes palavras, que os séculos não apagaram, voltarão mais nítidas ao círculo de tua esperança, para que as tuas feridas se convertam em rosas e para que o teu cansaço se transubstancie em triunfo.

O rebanho aflito e atormentado clama por refúgio e segurança. Que será da antiga Jerusalém humana sem o bordão providencial do pastor que espreita os movimentos do céu para a defesa do aprisco?

É necessário que o lume da cruz se reacenda, que o clarão da verdade fulgure novamente, que os rumos da libertação decisiva sejam traçados. A inteligência sem amor é o gênio infernal que arrasta os povos de agora às correntes escuras e terrificantes do abismo. O cérebro sublimado não encontra socorro no coração embrutecido. A cultura transviada da época em que jornadeamos, relegada à aflição, ameaça todos os serviços da Boa Nova, em seus mais íntimos fundamentos. Pavorosas ruínas fumegarão, por certo, sobre os palácios faustosos da humana grandeza, carente de humildade, e o vento frio da desilusão soprará, de rijo, sobre os castelos mortos da dominação que, desvairada, se exhibe, sem cogitar dos interesses imperecíveis e supremos do espírito.

É imprescindível a ascensão. A luz verdadeira procede do mais alto e só aquele que se instala no plano superior, ainda mesmo coberto de chagas e roído de vermes, pode, com razão, aclarar a senda redentora que as gerações enganadas esqueceram.

Refaz as energias exauridas e volta ao lar de nossa comunhão e de nossos pensamentos. O trabalhador fiel persevera na luta santificante até o fim. O farol do oceano irado é sempre uma estrela em solidão. Ilumina a estrada, buscando a lâmpada do Mestre que jamais nos faltou.

Avança – Avancemos.

Cristo em nós, conosco, por nós e em nosso favor, e o Cristianismo que precisamos reviver à frente das tempestades, de cujas trevas nascerá o esplendor do Terceiro Milênio. Certamente, o apostolado é tudo. A tarefa transcende o quadro de nossa compreensão.

Não exijamos esclarecimentos. Procuremos servir. Cabe-nos apenas obedecer até que a glória Dele se entronize para sempre na alma flagelada do mundo.

Segue, pois, o amargurado caminho da paixão pelo bem divino, confiando-te ao suor incessante pela vitória final.

O Evangelho é o nosso Código Eterno. Jesus é o nosso Mestre Imperecível. Subamos, em companhia Dele, no trilho duro e áspero.

Agora é ainda a noite que se rasga em trovões e sombras, amedrontando, vergastando, torturando, destruindo.

Todavia, Cristo reina e amanhã contemplaremos o celeste despertar.”

2. O mandamento maior

4. Mas os fariseus, tendo sabido que Ele tapara a boca aos saduceus, se reuniram; e um deles, que era doutor da lei, foi propor-lhe esta questão, para o tentar: “Mestre, qual o grande mandamento da lei?” — Jesus lhe respondeu: “Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito.” — Esse o maior e o primeiro mandamento. E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Amarás o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.
(Mateus, 22:34 a 40.)

5. Caridade e humildade, tal a senda única da salvação. Egoísmo e orgulho, tal a da perdição. Este princípio se acha formulado nos seguintes precisos termos: “Amarás a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesmo; toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.” E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta: “E aqui está o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro”, isto é, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: Fora da caridade não há salvação.

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 32 – 25/11/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

Reveladores e revelações da Lei Natural

II. O Mandamento maior

O mais perfeito dos reveladores

1. A Lei Divina ou Natural rege toda a criação no Cosmo infinito, nos seus múltiplos e diversificados planos, sendo ela a única que conduz a criatura humana para o aperfeiçoamento e a felicidade. A desventura humana é, pois, geralmente, a consequência de um desvio ou infração dessa lei.

2. A Lei Natural, subdividida em leis físicas e leis morais, significa a projeção do pensamento divino e a expressão fidedigna de sua vontade, consistindo sempre num preceito normativo que regula todos os fenômenos da vida universal. Eternas, imutáveis, infalíveis, tais leis abrangem os mais variáveis planos evolutivos, de acordo com as diversas categorias dos mundos.

3. O conhecimento da Lei Natural é dado à Humanidade de maneira gradual, por meio de Espíritos reencarnados como filósofos ou benfeitores, que, aportados no seio da sociedade, são chamados **reveladores** da Lei Natural, uns vinculados mais diretamente à revelação das leis físicas, enquanto outros se dedicam a iniciar-nos nas verdades relacionadas com as leis morais.

4. O maior e mais perfeito dos **reveladores** encarnados no planeta foi Jesus. A doutrina que ele nos ensinou é altamente moralizadora e nos revela caminhos que, se seguidos, podem levar-nos à conquista da verdadeira felicidade.

5. Houve, no entanto, em todas as épocas da Humanidade outros **reveladores** da Lei Natural, localizados nos diferentes campos do conhecimento humano, o que mostra que Deus nunca nos deixou à mercê de nossas próprias imperfeições.

6. Uma mostra disso foi Imotep, que viveu no Egito Antigo, perto de Mênfis, entre 2980 a.C. a 2950 a.C. Homem erudito, Imotep constitui o primeiro exemplo histórico do que hoje chamamos de cientista. Além de ter sido o arquiteto responsável pela construção da pirâmide de degraus ou de Sacará, que é a mais antiga do Egito, Imotep teria sido também médico, e com tamanho poder de cura, que os gregos o igualavam ao seu próprio deus da Medicina.

Sócrates, um dos precursores das ideias cristãs

7. Eis, a seguir, outros vultos notáveis nascidos na Terra antes da Era Cristã.

8. Tales de Mileto, matemático e filósofo grego, que viveu entre 624 a 546 a.C., foi considerado pelos gregos o fundador da Ciência, da matemática e da filosofia grega, sendo-lhe creditada a paternidade da maior parte do saber de sua época. Pitágoras, que também viveu na Grécia, no período de 582 a 497 a.C., foi filósofo, astrônomo e matemático e o primeiro sábio a afirmar que a Terra era esférica, além de haver descoberto que a harmonia universal podia ser expressa com os números.

9. Sócrates, que viveu em Atenas entre os anos 470 e 399 a.C., teve uma vida nobre como as verdades que ensinava, a ponto de ter sido considerado por Kardec um dos precursores das ideias cristãs e espíritas. Nunca houve quem o pegasse em erro, falha ou contradição, o que não impediu fosse condenado à morte devido a uma acusação de traição e corrupção levantada contra ele pela inveja de seus patrícios.

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

10. Na Era Cristã, entre os anos 130 e 200, viveu Galeno, médico grego que é considerado o “pai da anatomia”. No ano 780 nasceu o matemático árabe Muhammad Ibumusa Al Khwarizmi, que revolucionou a arte de calcular. Em 1473 nasceu Nicolau Copérnico, que descobriu que a Terra não era o centro do Universo.

11. Em 1548, perto de Nápoles, na cidade de Nola, nasceu Giordano Bruno, que foi levado à morte pela Inquisição por defender a infinitude do espaço e os movimentos da Terra. Dois séculos depois, em 1791, nasceu em Charlestown (EUA) Samuel Finley Morse, que se notabilizou pela invenção do telégrafo, com o que se inaugurou o campo das comunicações modernas.

Correlação Espiritismo e Cristianismo

12. A lista dos grandes gênios que impulsionaram com sua presença o conhecimento das leis naturais no mundo é acrescida com Darwin, Rafael, Leonardo da Vinci, Mozart, Pasteur, Koch, Lister, culminando no século passado com a codificação dos ensinamentos recebidos dos Espíritos Superiores, tarefa essa confiada a Kardec.

13. O mundo recebeu com impacto o renascimento do Cristianismo e a partir daquele momento a Humanidade, confundida, alertada, crédula ou incrédula, não mais seria a mesma. Chegara a era da espiritualização, séculos depois das primeiras sementes lançadas por Moisés, semeadas e regadas por Jesus na sua extraordinária missão do amor ao próximo e cultivadas ao longo dos tempos por emissários enviados por Deus: os apóstolos e seguidores do Cristianismo que foram conhecidos pelos nomes de Francisco de Assis, Vicente de Paulo e tantos outros.

14. Jesus não pode, todavia, ser nivelado a esses reveladores, por maior que tenha sido a contribuição que eles nos trouxeram, visto que o Cristo estabeleceu um grandioso marco nas conquistas evolutivas do homem.

É que o Mestre de Nazaré não se limitou a ensinar e esclarecer, mas constituiu o exemplo vivo das verdades evangélicas, provocando no mundo uma verdadeira revolução.

15. Muitas das verdades anunciadas pelo Espiritismo encontram na doutrina cristã as suas bases. As citações evangélicas que se seguem são ensinamentos de Jesus que se correlacionam com os princípios espíritas da pluralidade dos mundos habitados, a reencarnação, a caridade, a lei de ação e reação e a mediunidade:

“Há muitas moradas na Casa do Pai”

(**João**, 14:1-3)

“Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”

(**João**, 3:1-12)

“Tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também a eles”

(**Mateus**, 7:2)

“Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados”

(**Mateus**, 5:5)

“Todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão”

(**Mateus**, 26:52)

“Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios”

(**Mateus**, 10:8).

16. É devido a essa correlação entre a doutrina de Jesus e os ensinamentos espíritas que se diz que o Espiritismo é o Cristianismo redivivo. E, se Jesus disse ser o mandamento maior “**o amor a Deus e ao próximo**”, Kardec afirma que “**fora da caridade não há salvação**”, mostrando que ninguém poderá intitular-se espírita se primeiramente não for cristão.

Respostas às questões propostas

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

1. Além de Jesus, que **reveladores** das leis de Deus existiram no mundo?

R. O maior e mais perfeito dos **reveladores** encarnados no planeta foi Jesus. A doutrina que ele nos ensinou é altamente moralizadora e nos revela caminhos que, se seguidos, podem levar-nos à conquista da verdadeira felicidade. Houve, no entanto, em todas as épocas da Humanidade outros **reveladores** da Lei Natural, localizados nos diferentes campos do conhecimento humano – seja na filosofia, na ciência, na religião, no campo político ou mesmo nas artes – o que mostra que Deus nunca nos deixou à mercê de nossas próprias imperfeições.

2. Um deles é tido por Kardec um dos precursores do Espiritismo. Qual o seu nome e quando viveu?

R. Seu nome é **Sócrates**, que viveu em Atenas entre os anos 470 e 399 a.C. Sócrates teve uma vida nobre como as verdades que ensinava e nunca houve quem o pegasse em erro, falha ou contradição, o que não impediu fosse condenado à morte devido a uma acusação de traição e corrupção levantada contra ele pela inveja de seus patrícios.

3. Por que Jesus não pode ser nivelado aos grandes reveladores que já passaram pela Terra?

R. Jesus não pode ser nivelado a esses reveladores, por maior que tenha sido a contribuição que eles nos trouxeram, porque o Mestre estabeleceu um grandioso marco nas conquistas evolutivas do homem e não se limitou a ensinar e esclarecer, mas constituiu o exemplo vivo das verdades evangélicas, provocando no mundo uma verdadeira revolução.

4. Muitas das verdades ensinadas pelo Espiritismo têm no Evangelho as suas bases. Mencione três citações evangélicas que nos recordam os princípios espíritas.

R. Eis três citações evangélicas bastante conhecidas e que se correlacionam com os princípios espíritas da pluralidade dos mundos habitados, da reencarnação e da lei de causa e efeito, respectivamente:

“Há muitas moradas na Casa do Pai”

(**João**, 14:1-3)

“Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”

(**João**, 3:1-12)

“Todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão”

(**Mateus**, 26:52).

5. Qual é, segundo Jesus, o maior mandamento da lei de Deus e como Kardec o sintetizou?

R. O “amor a Deus e ao próximo” é, segundo Jesus, o maior mandamento da lei, que Kardec sintetizou na conhecida frase “Fora da caridade não há salvação.”

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (item 625.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Introdução, parte 4; cap. 15, itens 4 e 5.)

Asimov Isaac, Gênios da humanidade, (págs. 1, 2, 4, 13 e 65.)

Crônicas e Artigos

Nº 46 – 09/03/2008

O Consolador – (Francisco Rebouças)

II. O Mandamento maior

Só as obras definem o verdadeiro cristão

“Assim também a fé, sem obras, é morta em si mesma.”

(Tiago, Cap.2, v.17.)

É muito comum ouvirmos de amigos que pertencem a outras correntes religiosas, de visão bem diferente da nossa, certas interpretações das mensagens do Evangelho de Jesus, que às vezes ficamos a nos perguntar intimamente: será que estamos interpretando os mesmos ensinamentos do nosso Mestre Jesus? Ou será que estamos falando de personalidades distintas?

Entre tantas interpretações diferentes, uma nos salta aos sentidos, justamente aquela em que os nossos amigos afirmam que, pela simples aceitação de Jesus no coração do indivíduo, ele estará livre dos seus pecados, apagando definitivamente todos os seus possíveis débitos para com a Justiça Divina, fazendo jus daí por diante de conquistar sua salvação tão sonhada, e, por essa mesma razão, também poderá considerar-se quite com as Leis e os desígnios do Pai Celestial, pois que assim procedendo, estará em consonância com todos os seus deveres de Cristão.

Aí é que começam as minhas íntimas inquirições. Inicialmente pergunto: ao aceitar o Mestre de Nazaré em seu coração, não estará mais comprometido com Jesus esse indivíduo que confessa aceitá-lo? Não estará ele decidindo e se comprometendo por seguir os seus ensinamentos? Se assim for, como não atentar para o fato de que Jesus resumiu as Leis e os Profetas em dois únicos mandamentos, **“amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”**? Não estão contidos nesses dois mandamentos todos os deveres do homem para com o próximo, com a vida e com Deus? Como buscar a **“salvação”** esquecendo a desgraça causada ao semelhante?

Não foi Jesus quem recomendou: **“Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último ceitil”**?

(S. Mateus, Cap. V, 25-26) (1)

Não consta de seu Evangelho a resposta que deu aos fariseus sobre **“o mandamento maior”**?

O Evangelho segundo o Espiritismo, que tanto eles contestam e combatem, nos apresenta esta passagem de Jesus que não pode ser simplesmente esquecida ou desprezada como se não existisse, conforme segue:

Os fariseus, tendo sabido que ele tapara a boca dos saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, para o tentar, propôs-lhe esta questão:

– “Mestre, qual o mandamento maior da lei?” Jesus respondeu: **“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. E aqui tendes o segundo, semelhante a esse: ‘Amarás o teu próximo, como a ti mesmo’”**

–“Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.”

(S.Mateus, Cap. XXII, 34-40)

“Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam”, pois é nisto que consistem a lei e os profetas.

(Idem, Cap. VII, v. 12.)

“Tratai todos os homens como quereríeis que eles vos tratassem.”

(S. Lucas, Cap. VI, v. 31) (2)

A Doutrina Espírita nos esclarece ainda mais a esse respeito, quando nos afirma:

“Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: ‘Fora da caridade não há salvação.’”

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

(O Evangelho segundo o Espiritismo – Cap. XV, itens 8 e 9) (3)

No Capítulo XVIII, item 16, do citado Evangelho, os Espíritos Superiores nos dão as instruções de que necessitamos para entender que não nos basta apenas falar esta ou aquela palavra “**milagrosa**”, e nem mesmo a simples demonstração de arrependimento, mesmo que sincera, pois o mal já foi feito e conseqüentemente terá seus desdobramentos, que só com a sua total reparação é que verdadeiramente estaremos nos harmonizando com as sábias e perfeitas Leis de Deus, contidas em nossa consciência culpada.

Prestemos, portanto, bastante atenção no referido item que a seguir transcrevemos:

“Nem todos os que me dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus, mas somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Escutai essa palavra do Mestre, todos vós que repelis a Doutrina Espírita como obra do demônio. Abri os ouvidos, que é chegado o momento de ouvir.

Será bastante trazer a libré do Senhor, para ser-se fiel servidor seu? Bastará dizer: “**Sou cristão**”, para que alguém seja um seguidor do Cristo? Procurai os verdadeiros cristãos e os reconheceréis pelas suas obras. “Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má pode dar frutos bons.”

– “Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo.” São do Mestre essas palavras.

Discípulos do Cristo, compreendei-as bem! Que frutos deve dar a árvore do Cristianismo, árvore possante, cujos ramos frondosos cobrem com sua sombra uma parte do mundo, mas que ainda não abrigam todos os que se hão de agrupar em torno dela?

Os da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O Cristianismo, qual o fizeram há muitos séculos, continua a pregar essas virtudes divinas; esforça-se por espalhar seus frutos, mas quão poucos os colhem! A árvore é boa sempre, porém maus são os jardineiros. Entenderam de moldá-la pelas suas ideias; de talhá-la de acordo com as suas necessidades; cortaram-na, diminuíram-na, mutilaram-na; tomados estéreis, seus ramos não dão maus frutos, porque nenhum mais produz.

O viajor sedento, que se detém sob seus galhos à procura do fruto da esperança, capaz de lhe restabelecer a força e a coragem, somente vê uma ramaria árida, prenunciando tempestade. Em vão pede ele o fruto de vida à árvore da vida; caem-lhe secas as folhas; tanto as remexeu a mão do homem, que as crestou. Abri, pois, os ouvidos e os corações, meus bem-amados! Cultivai essa árvore da vida, cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou vos concita a tratá-la com amor, que ainda a vereis dar com abundância seus frutos divinos.

Conservai-a tal como o Cristo vo-la entregou: não a mutileis; ela quer estender a sua sombra imensa sobre o Universo: não lhe corteis os galhos. Seus frutos benfazejos caem abundantes para alimentar o viajor faminto que deseja chegar ao termo da jornada; não amontoeis esses frutos, para os armazenar e deixar apodrecer, a fim de que a ninguém sirvam.

“**Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.**” É que há açambarcadores do pão da vida, como os há do pão material. Não sejais do número deles; a árvore que dá bons frutos, tem que os dar para todos. Ide, pois, procurar os que estão famintos; levai-os para debaixo da fronde da árvore e partilhai com eles do abrigo que ela oferece.

– “**Não se colhem uvas nos espinheiros.**” Meus irmãos, afastai-vos dos que vos chamam para vos apresentar as sarças do caminho, segui os que vos conduzem à sombra da árvore da vida.

O divino Salvador, o justo por excelência, disse, e suas palavras não passarão:

“Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos céus; entrarão somente os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Que o Senhor de bênçãos vos abençoe; que o Deus de luz vos ilumine; que a árvore da vida vos ofereça abundantemente seus frutos! Crede e orai.

(Simeon, Bordeaux, 1863.) (4)

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

Por essas e outras razões, é que a cada dia mais me certifico da excelência da Doutrina Espírita, pois, em tudo que nos ensina, solicita-nos raciocinar para não nos deixar arrastar por teorias infundadas e ilógicas, que não levem em conta as lições ministradas por Jesus e contidas em seu Evangelho de Luz ao nosso inteiro dispor, e esclarece-nos por fim que: **“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”**

Bibliografia:

- 1) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. X, item 5.)
- 2) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XI, itens 1 e 2.)
- 3) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XV, itens 8 e 9.)
- 4) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (ap. XVIII, item 16.)

3. Necessidade da caridade, segundo Paulo

6. Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; ainda quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse toda a fé possível, até o ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. E, quando houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.

A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é injubilosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade.

(Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, 13:1 a 7 e 13.)

7. De tal modo compreendeu Paulo essa grande verdade, que disse: Quando mesmo eu tivesse a linguagem dos anjos; quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios; quando tivesse toda a fé possível, até o ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Dentre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade.

Coloca assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independe de qualquer crença particular.

Faz mais: define a verdadeira caridade, mostra-a não só na beneficência, como também no conjunto de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

Crônicas e Artigos

Nº 385 – 19/10/2014

O Consolador – (Angélica dos Santos Simone)

III. Necessidade da caridade, segundo Paulo

A caridade segundo o apóstolo Paulo

Começamos pela origem etimológica, que logo nos apresenta a essência de seu significado. Ação pura.

Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001), este termo no latim apresenta-se como **caritas, ātis**: amor, afeição, ternura. Portanto, vemos que para refletirmos sobre o tema da caridade é imprescindível passar pela reflexão sobre o amor. A Igreja traduziu o termo para o latim do grego **Agápē**, o qual significa o amor assexual, utilizado na época de Platão como a afinidade entre familiares, entre pessoas de um grupo que se afeiçoavam em realizar uma atividade em comum, diferente de Eros, o amor romântico e sexual e **Philia**, o amor entre amigos que **“se alimenta sobretudo da filosofia”** (PESSANHA, 2009).

O prefixo **car** – talvez encontre sua raiz no sânscrito ou no eslavo antigo, segundo o mesmo dicionário. Quando consultamos alguns estudos dos Vedas (conjunto de ensinamentos sagrados da religião hindu, transmitidos até aproximadamente 2.000 a. C por via oral), encontramos a palavra sânscrita **dana**, traduzida como caridade.

Dana significa doar fora do lugar do ritual védico, ou seja, fora do local sagrado, do templo e, se expandirmos, da cultura védica.

Dana não significa apenas o ato de doar, inclui também a **atitude com que se dá**. E é sobre este ponto que tentaremos estabelecer um aprofundamento maior neste texto.

A partir do sufixo **idade**, entendemos a caridade como sendo o momento do amor, da afeição, da ternura que imbuímos uma ação quando intencionamos praticá-la. A caridade, neste sentido não seria apenas o auxílio a alguém que está em situação de necessidade, mas como este auxílio é feito e qual o seu conteúdo essencial. É importante, então, que entendamos o significado da caridade, para que exista coerência entre concepção e ação.

O dicionário Houaiss ainda contribui com alguns termos como benevolência, compaixão e piedade, os quais são pistas que nos auxiliam a percorrer o caminho da caridade, que é essencialmente um caminho de autoconhecimento e de reforma íntima ininterrupta.

De forma poética, Paulo (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, item 6, p. 290, 2004) – Nos apresentou a caridade ao dizer que se ele fosse um doutor de todo o conhecimento humano, se ele dominasse a expressão angelical, se ele fosse médium, se tivesse ciência de todas as leis que regem os céus e a terra, se tivesse toda a fé do mundo, sem a caridade ele nada seria, pois nada disso serviria para sua evolução. E destacando:

“E, quando houvesse distribuído meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria” (p. 290).

Paulo inicia seu ensinamento sobre a caridade afirmando que aquilo que dá poder ao homem na Terra não o auxilia em nada enquanto Espírito, pois ele necessita das propriedades da caridade. Depois de convencidos de que precisamos praticar a caridade, ao continuarmos a ler o texto, imaginamos que Paulo vai concluí-lo rapidamente com o conselho: **“Portanto, pratiquem a caridade!”**. Mas não é isso que acontece, pois Paulo objetiva contribuir com o real sentido da caridade, desde esta época reduzida à beneficência material.

Então ele apresenta a parte mais importante, a qual explica o significado da caridade através de suas características:

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

“A caridade é paciente, é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. (p. 290-291).

Neste trecho, Paulo esclarece o que de fato é a caridade, indicando que o realizador desta ação deve estar imbuído destas características, pois do contrário não está “praticando” a caridade.

A intenção do evangelho de Jesus e as explicações dos Espíritos é justamente nos indicar o caminho da caridade como um caminho ascensional, como dissemos, de reforma íntima, e não diz respeito ao exercício de uma prática específica aliada a uma pessoa que carece de auxílio em determinada circunstância.

E Jesus nos oferece inúmeras parábolas para afirmar o que é a caridade para além da ação material.

Paulo continua afirmando que a caridade não é orgulhosa, não se precipita, não cuida de seus interesses, não é melindrosa, tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. Ora, maior explicação não haveria de existir, mostrando-nos que o objetivo de estarmos na evolução espiritual é justamente para nos tornarmos seres caridosos, uma vez que todas as nossas atitudes vão se tornando virtuosas.

A caridade, para nós ocidentais, está muito relacionada com momentos pontuais dedicados ao auxílio a alguém. Para os espíritas, está relacionada às horas semanais que vamos ao centro ajudar em alguma atividade. No sentido da explicação de Paulo, não se trata de algumas horas semanais passadas no centro espírita como voluntários e o restante da semana, insistentes no orgulho, nas paixões, nos vícios, no estresse, na preocupação, na tensão, na descrença, na inveja, no medo etc., pois de nada vale o trabalho voluntário.

Devemos compreender que há sentido na vida e que as situações/experiências/vivências estão interligadas, são interdependentes e seguem uma continuidade. Por que, então, eu tendo a ser mais pacífico, mais paciente, mais amoroso, mais humilde no momento do trabalho voluntário, em comparação com outros momentos de minha semana? O trabalho voluntário, qualquer que seja ele, é apenas mais uma oportunidade de exercitarmos a caridade (reforma íntima), pois logo vemos que ele é também um campo de poder e disputas, tal como em nossas atividades laborais cotidianas. Neste contexto, é preferível nos avaliarmos, tal como Santo Agostinho nos ensina, todos os dias sobre como estamos exercendo as nossas funções a partir de nossa família, depois em nosso emprego, depois em nossa cidade, depois em nossas práticas religiosas. A grande questão que a caridade traz é: que tipo de pessoa estou sendo?

Paulo finaliza o seu ensinamento de maneira ousada, afirmando que a caridade está acima da fé e da esperança. Podemos indagar que ele afirma isto devido à caridade ser a única condição que não é tida, mas tornada. Queremos dizer que nós não somos fé, nós temos fé, nós não somos esperançosos, nós temos esperança, mas nós **somos** caridosos e não temos caridade.

A caridade então, se entendemos, é um estado, uma conquista das virtudes citadas por Paulo, ao passo que a fé e a esperança estão ligadas pela necessidade que temos em alcançar os nossos desejos, são movimentos que chamam o exterior para dentro, ao passo que a caridade é um movimento de dentro para fora.

A fé e a esperança demandam um auxílio divino para nossas necessidades, são impulsos que nos dão força para caminharmos na esfera do individual, ao passo que a caridade é o movimento inverso, pois ela está na maneira como vivemos, como nos expressamos, como lidamos com as diversidades humanas, como representamos o nosso mundo e o outro, é a nossa contribuição para a melhora do planeta.

Ora, se a caridade traz em si o amor e a afeição (e só possuímos afeição por algo ou por alguém), é preciso que o outro exista para que este amor se realize.

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

A caridade só existe, portanto, em relação ao outro.

Os gregos não utilizavam o **Agápē** para indicar a realização de uma ação benevolente com alguém em situação de necessidade (doentes, pobres, órfãos etc.), mas sim para representar momentos de trocas agradáveis entre sentimentos de amizade. Neste sentido, a caridade não existe apenas na relação doador (portador) – receptor (carente), mas no comportamento do indivíduo independentemente da situação e de sua condição. E é justamente neste ponto que Paulo acentua suas observações.

Concluimos, assim, que **caridade não é doar**, mas **como se está doando**. **Caridade é ação consciente**, ela **exige consciência em nosso comportamento**, de maneira a avaliá-lo e a corrigi-lo.

Se pensarmos que a nossa vida inicia-se pela doação de Deus, então identificamos aí um princípio para a existência da própria vida, ela existe por um ato de doação. A partir deste pensamento, podemos construir os alicerces de nossas condutas, e mesmo vivendo em uma sociedade humana capitalista, onde tudo é comercializado e vendido, se procurarmos a essência da vida, encontraremos a doação, pois é vivenciando a impaciência, a ansiedade, que nos tornaremos pacientes.

A vida coletiva doa-nos a oportunidade de vivenciarmos as paixões, pois elas são os degraus que nos conduzirão para a luz, enquanto futuros seres, expressões da caridade universal.

A caridade

Kardec cunhou a máxima **“Fora da caridade não há salvação”**

1. Em todos os tempos houve criaturas que ensinaram a caridade, mas poucos a praticaram verdadeiramente, a exemplo de Jesus, que não apenas a exemplificou como expressamente a indicou como o caminho que pode levar a criatura humana ao reino dos céus.

2. Allan Kardec entendeu claramente o ensino do Cristo e por isso estabeleceu como lema do Espiritismo a conhecida frase **“Fora da caridade não há salvação”**, utilizada pela primeira vez pelo Codificador no livro **“O que é o Espiritismo”**, lançado em 1859.

3. Comentando referida máxima, escreveu Paulo de Tarso (Espírito): “Meus filhos, na máxima: **‘Fora da caridade não há salvação’** estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na fronte dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: Passai à direita, benditos de meu Pai. Reconhecê-los-ei pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará”.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV, item 10.)

4. Para fins de estudo é preciso se estabeleça a diferença entre caridade, esmola e filantropia. Com relação à caridade, a questão nº 886 de **“O Livro dos Espíritos”** esclarece que o verdadeiro sentido dessa palavra, tal como a entendia Jesus, abarca três virtudes: benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas.

A caridade não se restringe às oferendas transitórias

5. A caridade, segundo esse entendimento, não se limita, pois, à esmola mas abrange todas as relações em que nos encontramos com nossos semelhantes, estejam eles em posição de inferioridade, igualdade ou superioridade em relação a nós. A caridade nos prescreve a indulgência, porque de indulgência também precisamos, e proíbe que humilhemos os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer no mundo em que vivemos.

6. O homem verdadeiramente caridoso procura elevar e não rebaixar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa. Sendo a virtude por excelência, a caridade constitui a mais alta expressão do sentimento humano, sobre cuja base as construções elevadas do Espírito encontram firmeza para desdobrarem atividades enobrecidas em prol de todas as pessoas.

7. Confundida vulgarmente com esmola, a caridade excede, sob qualquer aspecto considerado, as doações externas com que o homem supõe em tal atividade encerrá-la. A esmola, evidentemente, não merece reprovação, mas sim a maneira pela qual habitualmente é dada. O homem de bem, que compreende a caridade segundo o pensamento do Cristo, vai ao encontro do

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão, pois sabe que o homem condenado a pedir esmola se degrada física e moralmente e se embrutece.

8. Sem dúvida, é valioso todo gesto de generosidade, quando consubstanciado em dádiva oportuna àquele que padece essa ou aquela privação. No entanto, a caridade que se restringe às oferendas transitórias nada mais é que filantropia, esse ato de amor fraterno e humano que distingue as pessoas que destinam altas somas à edificação de obras de incontestável valor, financiando múltiplos setores da ciência, da arte e da cultura. Para a legítima caridade é imprescindível a fé.

9. Henry Ford, John Rockefeller, Ted Turner, Bil Gates foram ou são filantropos eméritos, a cuja contribuição a Humanidade deve serviços de inapreciável qualidade. Vicente de Paulo, Damien de Veuster, João Bosco, Madre Teresa de Calcutá e tantos outros de idêntica estatura transformaram-se em apóstolos da caridade, pois que, nada possuindo em termos de valores transitórios, ofertaram tesouros de amor e fecundaram em milhões de vidas o pólen da esperança, da saúde, da alegria de viver.

10. Assevera Joanna de Ângelis que a caridade legítima requer como requisito imprescindível a fé. A caridade – diz Joanna – é, sobretudo, cristã. A filantropia, apesar da valiosa ajuda que realiza, independe da fé e não se caracteriza pelo sentimento cristão. Irreligiosa, pode brotar em qualquer indivíduo.

11. A caridade bem sentida e vivida estabelece verdadeira fraternidade entre os homens, visto que todos somos filhos de um mesmo Pai e, do mesmo modo que os Espíritos superiores nos amparam e sustentam nas lutas humanas, devemos igualmente amparar nossos irmãos em humanidade, inclusive aqueles que a sociedade considera criminosos.

12. Evitemos julgar as ações cometidas por esses companheiros, auxiliando-os naquilo que nos for possível, porque a caridade, como já vimos, implica a necessidade de indulgência e de benevolência para com todos, sem qualquer exceção.

Respostas às questões propostas

1. Que máxima de Allan Kardec constitui um dos lemas do Espiritismo?

R. A máxima é “Fora da caridade não há salvação”, que foi utilizada pela primeira vez pelo Codificador no livro

“**O que é o Espiritismo**”, lançado em 1859.

2. Reportando-se a essa máxima, Paulo de Tarso (Espírito) disse que nela estão encerrados os destinos dos homens na Terra e no céu. Que é que Paulo quis dizer?

R. Ele mesmo explicou suas palavras afirmando que, na Terra, à sombra desse estandarte os homens viverão em paz, e no céu, isto é, no mundo espiritual, os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor.

3. Qual o sentido da palavra caridade conforme os ensinamentos espíritas?

R. Conforme lemos na questão nº 886 de “**O Livro dos Espíritos**”, a caridade, tal como a entendia Jesus, compreende benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas.

4. Confundida vulgarmente com a caridade, a esmola é condenável?

R. Não. A esmola não merece reprovação, mas sim a maneira pela qual habitualmente ela é dada.

5. Em que a filantropia se distingue da verdadeira caridade?

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

R. A filantropia, apesar da valiosa ajuda que realiza, independe da fé e não se caracteriza pelo sentimento cristão. Irreligiosa, pode brotar em qualquer indivíduo. A caridade bem sentida e vivida estabelece verdadeira fraternidade entre os homens, visto que todos somos filhos de um mesmo Pai e, do mesmo modo que os Espíritos superiores nos amparam e sustentam nas lutas humanas, devemos igualmente amparar nossos irmãos em humanidade, inclusive aqueles que a sociedade considera criminosos.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 886 e 888.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. XI, item 14, e cap. XV, item 10.)

Emmanuel, Vinha de Luz, (psicografia Chico Xavier, (p. 234.)

Xavier Chico, Pérolas do Além, (pp. 40 e 41.)

Ângelis Joanna de, Dimensões da Verdade, (psicografia Divaldo P. Franco), (p. 122.)

Ângelis Joanna de, Estudos Espíritas, (psicografia Divaldo P. Franco), (pp. 121 e 122.)

4. Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação

8. Enquanto a máxima — Fora da caridade não há salvação — assenta num princípio universal e abre a todos os filhos de Deus acesso à suprema felicidade, o dogma — Fora da Igreja não há salvação — se estriba, não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma, fé comum a todas as religiões, porém, numa fé especial, em dogmas particulares; é exclusivo e absoluto. Longe de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e sanciona a irritação entre sectários dos diferentes cultos que reciprocamente se consideram malditos na eternidade, embora sejam parentes e amigos esses sectários. Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, ele os afasta uns dos outros, até no campo do repouso. A máxima — Fora da caridade não há salvação — consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência.

Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma — Fora da Igreja não há salvação, anatematizam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. Fora da verdade não há salvação equivaleria ao Fora da Igreja não há salvação e seria igualmente exclusivo, porquanto nenhuma seita existe que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem se pode vangloriar de a possuir integral, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias se retificam as ideias? A verdade, absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada e a humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento. Se Deus houvera feito da posse da verdade, absoluta condição expressa da felicidade futura, teria proferido uma sentença de proscricção geral, ao passo que a caridade, mesmo na sua mais ampla acepção, podem todos praticá-la. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a salvação para todos, independente de qualquer crença, contanto que a Lei de Deus seja observada, não diz: Fora do Espiritismo não há salvação; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: Fora da verdade não há salvação, pois que esta máxima separaria em lugar de unir e perpetuaria os antagonismos.

Crônicas e Artigos

Nº 236 – 20/11/2011

O Consolador – (Francisco Altamir da Cunha)

IV. Fora da Igreja não há salvação.

Fora da verdade não há salvação

Caridade – expressão do amor ao próximo

1 – Como interpretar à luz da Doutrina Espírita a afirmativa: “**Fora da Igreja não há salvação**”?

R. Encontramos uma grande diferença quando submetemos a uma análise mais aprofundada as duas afirmativas:

‘Fora da Igreja não há salvação’, e ‘Fora da caridade não há salvação’.

Quando dizemos ‘Fora da Igreja não há salvação’, particularizamos; pois, dessa forma são excluídas as pessoas que não frequentam a Igreja, ou que não estão vinculadas a uma religião. No entanto, quando afirmamos “Fora da caridade não há salvação”, desvinculamos a salvação de uma obrigatoriedade religiosa, tornando-a consequência da solidariedade, da prática do amor, que são a essência da doutrina de Jesus.

2 – Há um ponto de doutrina em algumas religiões, através do qual somente a fé salva; a caridade é dispensável. Comente a respeito.

R. Não há como aceitarmos essa afirmativa quando analisamos o que se encontra registrado em Mt. 25, 34-36:

“Vinde benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome e deste-me de comer; tive sede e deste-me de beber”, e também em Tiago 2, 14-17:

“Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?

A fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.”

A fé, sem sombra de dúvida, é importante; mas é justamente pela fé, que depositamos em Jesus, que devemos seguir seus preceitos, cuja base é o amor. E o amor em ação chama-se caridade.

A expressão da fé através da adoração e da exaltação do nome de Jesus é louvável, mas não suficiente, pois ele mesmo afirmou:

“Nem todos os que me dizem ‘Senhor! Senhor!’ entrarão no reino dos céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.” (Mt. 7; 21.)

3 – Quem é nosso próximo, ao qual devemos amar, conforme os ensinamentos de Jesus?

R. Toda criatura no mundo é o nosso próximo, ao qual devemos amar como extensão do amor a Deus. A proximidade à qual Jesus faz referência não é exclusivamente espacial. Nós nos tornamos próximos pelo laço espiritual que nos une, através do qual, formamos a grande família universal. Somos todos irmãos independentes de crença, nacionalidade ou condição sócio econômica, porque somos filhos de Deus.

No entanto, no que diz respeito à prática da caridade, o próximo será sempre aquele que, de forma direta ou indireta, apresente-se em nossa vida como necessitado material ou espiritual.

Crônicas e Artigos

Nº 188 – 12/12/2010

O Consolador – (Vinícius Lousada)

IV. Fora da Igreja não há salvação.

Fora da verdade não há salvação

Espiritismo, religiões e fundamentalismo

É interessante observar a postura respeitosa de Allan Kardec com as crenças religiosas, inobstante ter o Espiritismo enfrentado, em seu **período de luta**, as manifestações mais fanáticas do clero, que, por sua vez, procurava diabolizar os ensinamentos dos Espíritos Superiores, tanto quanto a prática do diálogo criativo com os desencarnados, para o que a Ciência Espírita imprimiu segura metodologia e dignidade.

Nas respostas que delineava aos detratores do Espiritismo, Kardec não se descuidava das exigências da civilidade para se exprimir e, como excelente educador, buscava esclarecer a ignorância acerca dos princípios do Espiritismo e de sua proposta de regeneração da Humanidade com uma lógica irretorquível.

O Espiritismo, com Kardec, não se ocupa de questões dogmáticas, cultos ou manifestações exteriores, pois, na esteira do pensamento progressista do séc. XVIII, propõe a liberdade de pensamento e, por consequência, difunde o direito de cada um adorar a Deus como lhe aprouver, de tal forma que o indivíduo deveria atender as suas práticas espirituais em conformidade com a própria consciência, sobretudo porque segundo as máximas lecionadas pelos Espíritos,

“Deus leva mais em conta a intenção que o fato.” (1)

Aliás, o mestre lionês não deixou de afirmar a presença dialógica da Doutrina dos Espíritos, frente às variadas religiões, declarando que:

“O Espiritismo é um terreno neutro, sobre o qual todas as opiniões religiosas podem encontrar-se e se dar as mãos.” (2)

Mais tarde, ensinara também que um resultado possível, ao qual levaria o conhecimento espírita, seria o fim dos antagonismos religiosos **“quando todas as religiões reconhecerem que adoram o mesmo Deus sob diferentes nomes; que lhe concedem os mesmos atributos de soberana bondade e justiça; e que não diferem senão na forma de adoração.”(3)**

Vejamos se não temos aqui uma ideia precursora do diálogo inter-religioso que supera o ecumenismo exclusivista.

Portanto, a Doutrina dos Espíritos é uma filosofia que, atendendo as exigências da razão de seu tempo – cansada das superstições, discriminações e beligerâncias religiosas –, se apoia no Cristianismo do Cristo, fomentando a fraternidade e a paz entre os homens e as mulheres de diferentes credos ao estabelecer que a condição de felicidade na vida espiritual não está no ato de professar esta ou aquela religião, mas na prática da mais desinteressada caridade.

Numa leitura atenta dos textos kardequianos, vamos averiguar o que o Codificador compreendia pela finalidade da religião, opondo-se ao fanatismo, ao formalismo religioso e à hipocrisia. Em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, encontramos o entendimento de que: (4)

“O objetivo da religião é conduzir a Deus o homem. Ora, este não chega a Deus senão quando se torna perfeito. Logo, toda religião que não torna melhor o homem, não alcança o seu objetivo. Toda aquela em que o homem julgue poder apoiar-se para fazer o mal, ou é falsa, ou está falseada em seu princípio. Tal o resultado que dão as em que a forma sobreleva ao fundo. Nula é a crença na eficácia dos sinais exteriores, se não obsta a que se cometam assassínios, adultérios, espoliações, que se levantem calúnias, que se causem danos ao próximo, seja no que for. Semelhantes religiões fazem supersticiosos, hipócritas, fanáticos; não, porém, homens de bem”.

Logo, é de fácil percepção que as religiões deveriam colaborar com o processo evolutivo dos seus adeptos, estabelecendo em seus princípios e vivências fomentadas pela prática

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

espiritual o aprimoramento intelecto moral dos sujeitos, jamais se dobrando, como alternativa de fé, a interesses mesquinhos e transitórios.

A diversidade de religiões tem origem nas crenças em princípios específicos e dogmas particulares, nos quais cada uma ensina e faz a manutenção de seus artigos de fé ao longo de um tempo histórico e em determinadas circunstâncias étnicas, culturais, sociais e políticas.

Assim, a vivência religiosa pode ser calcada na fé raciocinada ou na cegueira absoluta. Levada ao excesso, a fé cega promove o fanatismo e as atitudes fundamentalistas porque, nessa ordem de coisas, cada seita pretende ser a dona exclusiva da verdade.

O fundamentalismo religioso é uma forma falsa de buscar a transcendência quando as religiões se tornam fechadas e se negam ao diálogo com outros pontos de vista. No fundamentalismo, os profíctes de determinada crença cerram as portas do coração ao entendimento possível com seus irmãos, outros filhos de Deus, vinculados ou não a diferentes manifestações de espiritualidade presentes no mundo.

Como diz o filósofo Leonardo Boff, num belo estudo sobre o tema, o fundamentalismo **“representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista.”** (5)

Dessa forma, ele reflete inegável estreiteza intelectual cujas consequências funestas são a intolerância, a agressividade e, nas posturas extremadas, o terrorismo moldado em diversas faces.

Em contraposição às tendências fundamentalistas que grassam nalguns círculos religiosos, recordemo-nos da admoestação do Mestre de todos nós:

“Quem não ama seu irmão e sua irmã, a quem vê, não é possível que ame a Deus, a quem não vê.” (6)

ESTUDANDO KARDEC:

A máxima – **Fora da caridade não há salvação** – consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma – **Fora da Igreja não há salvação** –, anatematizam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se considerem condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.(7)

(1) **Revista Espírita**, Fevereiro de 1862 – Resposta dirigida aos espíritas lioneses por ocasião do ano novo.

(2) **Viagem Espírita em 1862** – Instruções Particulares dadas aos Grupos em Resposta a algumas das Questões Propostas, item XI.

(3) **Revista Espírita**, outubro de 1868 – Doutrina de Lao-Tseu: Filosofia Chinesa.

(4) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, Cap. VIII, item 10.

(5) **Boff** Leonardo, Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz: desafios para o século XXI, (p. 49.)

(6) I Jo, 4:20.

(7) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, Cap. XV, item 8.

5. Instruções dos Espíritos.

1. Fora da caridade não há salvação.

10 Meus filhos, na máxima: **Fora da caridade não há salvação** estão encerrados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra desse estandarte eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra da Promissão. Ela brilha no céu, como auréola santa, na fronte, dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: “Passei à direita, benditos de meu Pai.” Reconhecê-los-ei pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada exprime com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. Não poderia o Espiritismo provar melhor a sua origem, do que apresentando-a como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Dedicai-vos, assim, meus amigos, a perscrutar-lhe o sentido profundo e as consequências, a descobrir-lhe, por vós mesmos, todas as aplicações. Submetei todas as vossas ações ao governo da caridade e a consciência vos responderá. Não só ela evitará que pratiqueis o mal, como também fará que pratiqueis o bem, porquanto uma virtude negativa não basta: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, mister sempre se torna a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inércia e a despreocupação.

Meus amigos, agradei a Deus o haver permitido que pudésseis gozar a luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem hajam de ser salvos; é que, ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo, ela vos faz melhores cristãos. Esforçai-vos, pois, para que os vossos irmãos, observando-vos, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, sem embargo da seita e que pertençam.

(Paulo, o apóstolo, Paris, 1860.)

Especial

Nº 164 – 01/08/2010

O Consolador – (Orson Peter Carrara)

V. Instruções dos espíritos

I. Fora da caridade não há salvação

Obras Póstumas, um livro esquecido

Cento e vinte anos após sua publicação, soa novamente a hora de o divulgarmos amplamente, para que seus preciosos textos estejam conosco a nos orientar o procedimento e os passos no bem.

Eis um livro muito especial. Esquecido, infelizmente! Convido o leitor a buscar seu exemplar na estante de sua biblioteca para folhear a obra. Sugiro iniciar pelo índice para inteirar-se do conteúdo do livro.

Contém ele duas partes. Na primeira delas, estudos de Kardec sobre empolgantes temas e na segunda parte “anotações íntimas”, detalhes da vida particular do Codificador, comunicações dos Espíritos diretamente ligados à tarefa da Codificação Espírita e a preciosidade dos textos **Projeto 1868, Constituição do Espiritismo e Credo Espírita**.

Como se sabe, o livro foi publicado em janeiro de 1890, após a desencarnação de Allan Kardec, contendo anotações, textos e estudos encontrados em seu gabinete de trabalho.

Apesar da riqueza dos estudos contidos na primeira parte da obra, parece-nos que a segunda parte do livro deva ser consultada e amplamente divulgada entre todos nós, atuais espíritos do Brasil e do mundo, principalmente a partir do texto **Fora da Caridade Não Há Salvação**. Referido texto dá início a uma sequência maravilhosa de reflexões, que se distribuem nos capítulos **Projeto 1868, Constituição do Espiritismo e Credo Espírita**, como já citado acima.

A obra ainda contém a biografia de Kardec, o discurso de Flammarion por ocasião do sepultamento do Codificador e os preciosos estudos intitulados Teoria da Beleza, A música celeste, Música Espírita, O Caminho da Vida e As cinco alternativas da Humanidade, entre outros.

“Os pobres jamais foram rejeitados em minha casa, ou tratados com dureza”

Quando volto a reler tais preciosidades, fico a pensar: Por que nos esquecemos delas? Seria leviandade nossa? Seria desprezo ou indiferença? O que nos leva a desprezar tão valiosos escritos e tão importantes reflexões de Kardec?

Digo isto porque se trata de textos tão importantes que deveriam constituir material de reflexão diária para os estudiosos do Espiritismo.

Para mostrar a importância do conteúdo desse livro, infelizmente pouco conhecido dos espíritos, seleciono para o leitor alguns pequenos trechos.

Ao final das pequenas transcrições, inseri outros comentários:

a) “Estes princípios, para mim, não são apenas uma teoria, eu os coloco em prática; faço o bem tanto quanto o permite a minha posição; presto serviço quando posso; os pobres jamais foram rejeitados em minha casa, ou tratados com dureza; ‘Continuarei, pois, a fazer todo o bem que puder, mesmo aos meus inimigos, porque o ódio não me cega; e eu lhes estenderia sempre a mão para tirá-los de um precipício, se a ocasião disso se apresentasse.’ Eis como entendo a caridade cristã; compreendo uma religião que nos ordena retribuir o mal com o bem, com mais forte razão restituir o bem pelo bem. Mas não compreenderia jamais a que nos prescrevesse retribuir o mal com o mal.” – do capítulo **Fora da Caridade não há salvação**.

“A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais”

b) “Os homens não podem ser felizes se não vivem em paz, quer dizer, se não estão animados de um sentimento de benevolência, de indulgência e de condescendência recíprocos, em uma palavra, enquanto procurarem se esmagar uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; mas supõem a abnegação; ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; portanto, com seus vícios nada de verdadeira fraternidade, partindo, da igualdade e da liberdade, porque o egoísta e o orgulhoso querem tudo para eles. Estarão sempre aí os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto eles reinarem, os sistemas sociais mais generosos, mais sabiamente combinados, desabarão sob os seus golpes.” – do capítulo **O egoísmo e o orgulho – suas causas, seus efeitos e os meios de destruí-los.**

c) “Todos vós que sonhais com essa idade de ouro para a Humanidade, trabalhai, antes de tudo, na base do edifício, antes de querer coroar-lhe a cumeeira; dai-lhe por base a fraternidade em sua mais pura acepção; mas, para isso, não basta decretá-la e inscrevê-la sobre uma bandeira; é preciso que ela esteja no coração e não se muda o coração dos homens com decretos. Do mesmo modo que, para fazer um campo frutificar, é preciso arrancar-lhe as pedras e os espinheiros, trabalhai sem descanso para extirpar o vírus do orgulho e do egoísmo, porque aí está a fonte de todo mal, o obstáculo real ao reino do bem; destruí nas leis, nas instituições, nas religiões, na educação, até os últimos vestígios, os tempos de barbárie e de privilégios, e todas as causas que mantêm e desenvolvem esses eternos obstáculos ao verdadeiro progresso, que se recebe, por assim dizer, desde a meninice e que se aspira por todos os poros na atmosfera social; só então os homens compreenderão os deveres e os benefícios da fraternidade; então, também, se estabelecerão por si mesmos, sem abalos e sem perigo, os princípios complementares da igualdade e da liberdade.” – do capítulo **Liberdade, Igualdade, Fraternidade.**

“O anátema secreto tornar-se-á oficial, e os Espíritas serão rejeitados pela Igreja romana”

d) “O clero clamará heresia, porque verá que nele atacas firmemente as penas eternas e outros pontos sobre os quais apoia a sua influência e o seu crédito, clamará tanto mais que se sentirá muito mais ferido do que pela publicação de **O Livro dos Espíritos**, do qual a rigor, podia aceitar os princípios dados; mas, no presente, vais entrar num novo caminho onde ele não poderá te seguir. O anátema secreto tornar-se-á oficial, e os espíritas serão rejeitados junto aos judeus e aos pagãos pela Igreja romana. Em compensação, os espíritas verão seu número aumentar, em razão dessa espécie de perseguição, sobretudo vendo os padres acusarem de obra absolutamente demoníaca uma Doutrina cuja moralidade brilhará como um raio de Sol pela publicação mesma de teu novo livro, e daqueles que o seguirão.

Eis que a hora se aproxima em que será preciso declarar abertamente o Espiritismo por aquilo que ele é, e mostrar a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo; a hora se aproxima em que, diante do céu e da Terra, deverás proclamar o Espiritismo como a única tradição realmente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana.” – Trecho de uma mensagem mediúnica obtida em Ségur, em 9 de agosto de 1863, sobre as consequências da publicação d’**O Evangelho segundo o Espiritismo.**

Percebe-se, com clareza, que referidos textos – entre outros – precisam ser copiados, distribuídos, lidos e estudados em conjunto por todos nós em nossas reuniões públicas ou íntimas de estudos, em nossas instituições, pela preciosidade de suas considerações. Pela nossa imperfeição humana, estamos muitas vezes esquecidos da caridade nos relacionamentos, nos julgamentos, ou nos iludimos com tolas vaidades, colocando a perder esforços de décadas daqueles que ergueram ou fundaram as instituições a que atualmente nos entregamos.

Por outro lado, as anotações pessoais do Codificador, seus pensamentos íntimos (como o texto **Fora da Caridade não há salvação**), suas lutas e dificuldades precisam novamente ser

CAPÍTULO XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

colocados à nossa visão para refletirmos no tempo que perdemos com picuinhas e assuntos sem importância, retardando esforços no bem, onde deveríamos concentrar mais nossas atenções.

Parece-nos que não podemos deixar tal obra no esquecimento. Cento e vinte anos depois de sua publicação, soa novamente a hora de a divulgarmos amplamente, para que seus preciosos textos estejam conosco a nos orientar o procedimento, o comportamento, os passos no bem.

Crônicas e Artigos

Nº 471 – 26/06/2016

O Consolador – (Cláudio Bueno da Silva)

V. Instruções dos espíritos

I. Fora da caridade não há salvação

A caridade segundo o amor

A caridade é a virtude que melhor expressa o amor.

Não a caridade premeditada, ansiosa por recolher recompensa na Terra ou no céu; mas a ação plena de compreensão humana, tecida do mais puro desprendimento.

Se o indivíduo não tem amor, a caridade que exerce – privada desse sentimento – é fria e muitas vezes humilhante: quem favorece não deixa de sentir um ar superior que se sobrepõe ao outro, como quem está no comando da situação; quem é favorecido não consegue livrar-se de certa humilhação, abafada a custo pela necessidade.

Quando não há amor presidindo a aproximação, é difícil haver energia pura conectando a mão que dá à que recebe.

É como se aquele que recebesse captasse na intenção do doador aquilo que lhe falta.

Allan Kardec, por compreender a abrangência dessa virtude decantada por Paulo, em I Coríntios, 13,1-13, elegeu-a como **“a alma do Espiritismo”** e cunhou a frase emblemática cujo sentido deve guiar as ações humanas:

“Fora da caridade não há salvação.” Como síntese moral esse pensamento é perfeito, pois não exclui ninguém da possibilidade de atingir a plenitude.

Segundo a ideia espírita, a caridade que **“salva”** está associada ao sentimento profundo e verdadeiro traduzido nas ações de um Francisco de Assis, de uma Teresa de Calcutá, de um Francisco Cândido Xavier, movidos que foram pelo amor autêntico.

Estes exemplos, por parecerem tão distantes da realidade, não são motivos para que se baixe a cabeça, achando que não se chegará ao ideal.

Estes luminares da caridade, seguindo o modelo Jesus, reencarnaram na Terra exatamente para mostrar como se deve agir para com o semelhante.

O sentimento elevado do amor se manifestará em cada um de nós, mais cedo ou mais tarde, com as experiências da vida, com as lições repetidas, com o progresso espiritual.

E a clara lição de Jesus sobre o **“óbolo da viúva”** – a caridade natural – já compreendida pelo intelecto, o será também pelo coração.